PLANALTO

JORNAL DA REGIÃO CENTRO DE ANGOLA

EDIÇÕES NOVEMBRO E.P.
JORNAL DE ANGOLA | JORNAL DOS DESPORTOS

Director: Fernando Cunha • **2 de Maio de 2018** • Ano 0 • Número 0 Publicação mensal

D. JOSÉ ALVES QUEIRÓS

"O interior continua esquecido"

O arcebispo do Huambo, D. José Alves Queirós, considera que, depois de 2002, o país teve uma oportunidade de ouro para crescer exponencialmente. "Existiram zonas de Angola, como o litoral, que cresceram. Mas o interior continuou a ser esquecido". Segundo ele, isso mexeu com o "modus vivendis" das gentes que habitam no interior, levando muitos a procurar por melhores condições de vida nas zonas do litoral. "É uma verdade que deve ser rapidamente contornada, porque, cada vez que se vai mais para dentro do território nacional, relativamente as zonas do litoral, as dificuldades das pessoas aumentam significativamente".

p. 8-9

"ALEMANHA"

UM MERCADO INSPIRADO NO FUTEBOL

Corria o ano de 2006, quando a população do Huambo viu nascer o mercado a céu aberto da Quissala. Neste ano realizou-se também o Campeonato do Mundo da Alemanha, que marcou a estreia do nosso país no maior evento futebolístico mundial. Foi inspirado neste mundial, que homens e mulheres decidiram baptizar o mercado da Quissala com o nome "Alemanha", numa verdadeira homenagem aos artistas da bola.De lá para cá, o mercado conheceu um crescimento exponencial, sendo, actualmente, um dos maiores do Planalto Central, com mais de quatro mil vendedores, entre angolanos e estrangeiros.

p. 6-7

OSVALDO SERRA VAN-DUNEM

PAVILHÃO MULTIUSOS ABANDONADO

A cada dia que passa, um pedaço do pavilhão Osvaldo Serra Van-Dunem, que albergou um dos grupos do Afrobasket-2007, e no ano seguinte o Campeonato Africano das Nações, em Andebol, nas duas classes, vai se degradando. As autoridades locais estão em silêncio. Não dizem absolutamente nada. O sistema eléctrico está danificado, o gerador de 375 KVA avariado, fissuras nas paredes, infiltração no tecto, casas-de-banho em estado de insalubridade, balneários sem condições, portas sem fechaduras, vidros quebrados, vedação exterior vandalizada, entre outros danos que são difíceis de avaliar à vista desarmada.

p. 15

JOÃO BAPTISTA KUSSUMUA

GOVERNAR COM A POPULAÇÃO

João Baptista Kussumua é o 14º governador do Huambo, uma província que busca há muito o título de espaço ecológico e agropecuário de Angola. Elegeu a componente social como prioridade da sua governação. O lado humanista é, provavelmente, a essência do seu carácter. A sua forma de estar, enquanto servidor público. Na qualidade de servidor público, João Baptista Kussumua sabe que a responsabilidade que lhe foi confiada para a condução dos destinos da província não é uma missão fácil. Neste sentido, está preparado para a contestação social, pois as pessoas não votam pelo passado, mas pelo futuro, ansiando por uma vida melhor. É este o seu objectivo sempre que se faz à estrada.

p. 3

ESIPULULO

CAETANO JÚNIOR*

ANGOLA DE LÉS A LÉS

O grupo de imprensa Edições Novembro dá início a uma nove era. Aos títulos que já publica - os jornais de Angola, dos Desportos, de Economia e Finanças, de Cultura e Metropolitano de Luanda - junta, a partir de agora, o PLANALTO. A mais nova publicação nasce de um projecto cujo cerne é diversificar a informação e levar ao público factos que ocorrem ali, próximo do espaço onde vive, onde se desenrola o seu quotidiano, enfim, no ambiente que o rodeia.

Como faz o título inferir, PLANALTO refere-se à região Centro do país, concretamente, ao Huambo e ao Bié. À disposição, o leitor tem notícias e outros géneros de informação jornalística sobre as duas províncias: o dia-a-dia, os obstáculos, as alternativas ou as soluções para os problemas. A nova publicação começa, entretanto, sem a compaginação da província-irmã do Huambo, o Bié. Portanto, nesta primeira edição, faltam informações sobre a realidade biena. A situação decorre de razões de programação. Fica, porém, a certeza de que os próximos números do PLANALTO chegam completos, Bié incluído.

Assim, o PLANALTO inaugura um projecto das Edições Novembro, consubstanciado na criação de publicações regionais, desenhadas para cumprir a tarefa de trazer à luz do dia a realidade das distintas zonas do País. E o desígnio se concretiza. Dentro de poucos dias, cabe a vez ao Namibe. Outras províncias ou regiões seguir-se-ão, para tornar autêntica a missão de mostrar Angola de lés a lés e de promover a imprensa regional.

*ADMINISTRADOR PARA A ÁREA DE CONTEÚDOS

A Imagem

Escreva-nos por e-mail para: **opiniao@jornal-planalto.co.ao**

Perigo na ponte

A ponte da Zona Verde, localizada na Baixa da cidade do Huambo, pode desabar a qualquer momento, sob o olhar silencioso da Administração Municipal. Há mais de três anos que o cenário é este. As pessoas vivem com o perigo à espreita. No alto da sua inocência, o motoqueiro, vulgo Kupapata e as crianças sorriem para objectiva de Francisco Lopes, sem se aperceberem, que ali por baixo dos seus pés, mora um grande perigo.

PLANALTO
JORNAL DA REGIÃO CENTRO DE ANGOLA

Director: Fernando Cunha
Jornalistas: António Canepa, Justino Victorino, Marcelino Wambo, Victória Quintas, Estácio Camassete, Tatiana Marta, Mário Clemente, Adolfo Mundombe, Juliana Domingos, Domiana N'jila, Adelina Paulo e Filipe da Silva
Fotógrafos: Francisco Lopes e Mayomona Garcia
Morada: Rua Imaculada da Conceição - Cidade Alta - Huambo
Telefone: 912329792
Mail: planalto.huambo@gmail.com - jornal_planalto@hotmail.com
Coordenação: Editoria TÍTULOS REGIONAIS
Editor: Domingos dos Santos
Sub-editores: José Bule e Adalberto Ceita
Designer: Irineu Caldeira
Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00
MAIL: antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao

EDIÇÕES NOVEMBRO EP.

Presidente do Conselho de Administração: Víctor Silva
Administradores Executivos: Caetano Pedro da Conceição Júnior, José Alberto Domingos, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril, Mateus Francisco João dos Santos Júnior
Administradores não Executivos: Olímpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira Dias da Cunha

Carta dos leitores

Falta de iluminação

A falta de iluminação na via que liga o aeroporto a centralidade é lamentável e perigosa. Os automobilistas reclamam bastante desta situação o que causa inúmeros acidentes no período da noite. Pedimos a quem de direito que resolva esta situação, não se admite que em tempo de paz e estabilidade ainda temos estes problemas.

João Francisco
Bom Pastor

Produtos expirados

A dias o INADEC fez uma actuação na Shoprite tirou muitos produtos alimentares fora do prazo de validade. Mas é que acções como estas devem ser realizadas em todos as lojas e supermercados para mas controlo de qualidade.

Graça Pinto
Camussamba

Cobrança na Educação

Segundo a constituição a educação primária é gratuita e não sei porque motivo algumas instituições começaram a fazer cobranças no sentido de os alunos pagarem entre 500 kwanzas a 3500 kwanzas. E a justificativa é que o governo não dá verbas para algumas situações que são pertinentes para o funcionamento das mesmas. Me desculpem, isso é história para boi dormir!.

Júlio Baptista
Huambo

Galeria dos governadores

AGOSTINHO N'DJAKA
(1976-1977)

PEDRO MARIA TONHA
(1977-1980)

SANTANA ANDRÉ PITRA
(1980-1981)

JOÃO ERNESTO DOS SANTOS
(1981-1985)

MARQUES M. VASOVAVA
(1985-1987)

MARCOLINO MOCO
(1987-1990)

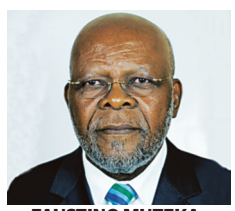
OSVALDO S. VAN-DÚNEM
(1990-1991)

GRACIANO MANDE
(1991-1992)

BALTAZAR MANUEL
(1992-1997)

ANTÓNIO PAULO KASSOMA
(1997-2008)

ALBINO MALUNGO
(2008-2009)


FAUSTINO MUTEKA
(2009-2014)

KUNDI PAIHAMA
(2014-2016)

Kussumua é o 14º governador do Huambo

A força do homem que conquista o coração do planalto

Fernando Cunha
planalto.huambo@gmail.com

Quando, a 16 de Setembro de 2016, João Baptista Kussumua foi escolhido pelo então Presidente da República, José Eduardo dos Santos, para resgatar a mística e o esplendor da Província do Huambo, no tocante à qualidade de vida que sempre proporcionou aos seus nativos e aos que aqui decidiram constituir o seu futuro, tinha a perfeita noção que teria pela frente uma tarefa difícil e ao mesmo tempo desafiante.

É o sentido patriótico e de servir os seus concidadãos que, nos momentos de assumir altas funções, fala sempre mais alto. Assim aconteceu com João Baptista Kussumua, ao mostrar-se pronto - de corpo e alma -, para dar o seu contributo para o desenvolvimento da província do Huambo.

"A pátria aos seus melhores filhos não implora, ordena", diz um "slogan" militar estampado à entrada de qualquer quartel deste País. Perante um cenário de desafios, mas sempre num gesto de patriotismo, desembarcava a 23 de Setembro no Aeroporto Albano Machado, na cidade do Huambo - acompanhado de Bornito de Sousa, à época ministro da Administração do Território -, João Baptista Kussumua, para ser presente à população como o 14º governador de uma província referência nacional, que busca há muito o título de espaço ecológico e agropecuário de Angola.

Natural do Sector da Tchuia, Comuna da Calima, a sul da capital da província, JBK, como também é carinhosamente tratado pela população, elegeu a componente social como prioridade. O lado humanista é, provavelmente, a essência do seu carácter. A sua forma de estar, enquanto servidor público. O combate aos inúmeros focos de lixos, que teimosamente manchavam diversos locais da cidade do Huambo – o principal espelho da província -, foi das prioridades imediatas. O ar respirável produzido pelos eucaliptos do Kalumbula e do Macolocolo, transformaram rapidamente o ar impuro que pairava pela "Cidade Vida", num refrescante respirar semelhante ao dos Alpes Suíços.

Os primeiros dias de JBK à frente dos destinos da província, foram de proximidade aos seus concidadãos, de troca de afecto e conversa; de jogar uma partida de xadrez - em plena rua -, com o seu irmão roboteiro, de andar de Kupapata (moto-táxi) para ir visitar o célebre bairro do Kalundo, na zona do São Pedro suburbano. Enfim, o reinventar de um novo estilo de governação longe da rigidez protocolar.

"O Presidente enviou-me para o Huambo para governar com o povo. Por isso, enquanto aqui estiver, conto com vocês para consolidar a nobre tarefa de mudar esse Huambo para melhor", dizia um JBK confiante num futuro de prosperidade.

Porém, a vida é feita de objectividade, porque não só de afectos e promessas, vive o homem. Daí o surgimento, no seio da população, de algumas vozes discordantes ao seu estilo de governação. Mas João Baptista Kussumua tem plena consciência que, enquanto servidor público, tem de viver com a pressão e, em muitas outras situações, com calúnia e a intriga. Por isso mesmo, não se deixa abater, porque carrega na sua áurea, a responsabilidade de nunca perder o sentido de Estado, de missão. Porque sabe ele, que a unanimidade, nunca fará parte das relações humanas.

Sabe ele, na qualidade de bom servidor que é, que a responsabilidade que lhe foi confiada para a condução dos destinos da província do Huambo, não é uma missão fácil. Sabe ele também, que a contestação social faz parte da governação e da vida em sociedade. Sabe ele ainda, que as pessoas não votam pelo passado, mas pelo futuro, ansiando por uma vida melhor. Por isso mesmo, todos os dias quando ele se lança à estrada, para mais uma missão de muitas missões de Estado que tem de cumprir, fá-lo sempre com responsabilidade e sentido de cidadania. De Estado.

Em bom rigor, JBK, fazendo o seu caminho caminhando na postura da retidão, da segurança e da certeza, vai conseguindo, passo à passo, devolver a qualidade de vida e identidade aos seus concidadãos. Ainda longe do ideal, mas fá-lo e com poucos recursos.

A sua perseverança, a fé inabalável na materialização da missão de Estado que lhe foi confiada, as conquistas alcançadas durante os 16 meses que governa a província, já fazem dele um vencedor, que conquista dia a dia, a fé e a confiança da população humilde que habita esta parte do Planalto, que dá pelo nome de Huambo.

Terra de agricultores e criadores de animais

Agricultura A produção agrícola representa 76 por cento da actividade económica da província do Huambo

António Canepa
planalto.huambo@gmail.com

Huambo é terra de agricultores e criadores de animais, cuja renda representa 76 por cento da actividade económica da província, que no passado jogou um papel relevante na estabilização da indústria, com realce para a agro-alimentar.

Pelas suas características climáticas e sócio culturais, a província tem a agricultura como a sua principal actividade económica. A região dispõe de três milhões 338 mil e 775 hectares de terras aráveis. A província apresenta excelentes condições para a produção agrícola, tanto na época chuvosa como no cacimbo.

No âmbito da produção animal, as estratégias de desenvolvimento, do Governo Provincial, apontam para o apoio integrado à produção animal, através do melhoramento sistemático da produção, maneio e sanidade animal.

As principais potencialidades económicas concentram-se na produção agrícola, com as culturas de milho, feijão, batata-doce e rena, trigo, citrinos, bem como na exploração da madeira e minerais. A província localiza-se na região central do país e possui um clima tropical de altitude, cuja temperatura média é de 19 graus.

Huambo possui cerca de 34.275 quilómetros quadrados de superfície e uma população estimada em dois milhões e 800 mil habitantes, composta maioritariamente por camponeses originários da etnia Ovimbundu, distribuídos em 11 municípios, nomeadamente o Huambo, Londuimbali, Bailundo, Mungo, Tchindjendje, Ukuma, Ekunha, Tchicala Tcholohanga, Katchiungo, Longondjo e Caála.

ENCANTOS PAISAGÍSTICOS

Huambo situa-se numa zona planáltica. A maior altitude da província (e do país) situa-se no Morro do Moco, entre os municípios de Ekunha e Londuimbali, e mede cerca de 2.620 metros. O pico do Luvili vem a seguir com 2000 metros de altura. Com quase um milhão de habitantes, a capital do Huambo recebeu o nome da província. É considerada a segunda maior de Angola. Foi elevada a categoria de cidade em 1912, pelo general português Norton de Matos, e baptizada com o nome Nova Lisboa, denominação que permaneceu até 1975.

Com quase um milhão de habitantes, a capital do Huambo recebeu o nome da província. É considerada a segunda maior de Angola. Foi elevada a categoria de cidade em 1912, pelo general português Norton de Matos, e baptizada com o nome Nova Lisboa, denominação que permaneceu até 1975.

ACTIVIDADE ECONÓMICA

No Huambo existem vários locais históricos que são importantes para a identificação da cultura do seu povo. A pedra Nganda-la-Kawe, Forte da Quissala, Pinturas Rupestres de Kaniñguili, túmulos do soba Wambo Kalunga e dos reis Ekuikui II e Katiavala, Pedras Alemães, Praça António Agostinho Neto e a Missão Católica do Cuando são alguns dos monumentos que identificam o povo que habita na província.

Da lista constam outros monumentos e sítios catalogados, como a Igreja de Nossa Senhora do Monte, o Museu Antropológico e a Albufeira do Cuando, entre outros sítios de lazer que atraem o interesse do público, como a famosa Ilha dos Amores e as Águas Frias e Quentes do Alto Hama, no município do Londuimbali, e a serra do Moco.

A província conta com um total de cinco mil e 296 unidades comerciais, entre operadores retalhistas e grossistas, comércio precário e pequenas lojas de conveniências. Anualmente, o Huambo recebe mais de sete mil turistas por ano.

A indústria está muito aquém dos patamares almejados. Huambo já foi uma referência, sobretudo no sector têxtil. A província conta com mais de 300 unidades fabris. Destas, pelo menos 100 deixaram de funcionar. Até 1991, Huambo era considerado o segundo parque industrial do país, depois de Luanda.

No Huambo, a maioria das indústrias em funcionamento são de transformação de bebidas e alimentos, materiais de construção, carpintarias e serralharias.

História

A VIDA NOS MUNICÍPIOS

HUAMBO

O Município do Huambo é o mais populoso da província. Conta com mais de um milhão de habitantes, distribuídos pela cidade e comunas da Calima e Chipipa. A localidade alberga as maiores instituições de ensino e sanitárias da região. A população local dedica-se principalmente à actividade agrícola, pecuária e pesca artesanal. A capital, também conhecida por "Cidade Vida", localiza-se na zona estratégica da região centro de Angola, ligando o litoral e o leste, e o centro à zona norte e sul do país, por via férrea e terrestre. O comércio tornou-se mais dinâmico nos últimos anos, sobretudo o informal, que ocupa praticamente um quarto da população activa da região. A maioria da população é da etnia Ovimbundu. Mas, na localidade existem outros grupos étnicos, como os nganguelas e cokwes. A estufa-fria constitui o cartão postal do município.

BAILUNDO

O Bailundo é o município mais antigo de todos. Foi fundado no dia 16 de Julho de 1912 e baptizado com o nome de Teixeira da Silva, tendo retomado o nome anterior "Bailundo", depois do país tornar-se independente, em 1975. Bailundo tem cerca de 7.065 quilómetros quadrados de extensão, 573 aldeias e 79 ombalas. A sua população é estimada em 282 mil e 150 habitantes. É constituído pelas comunas de Bailundo, Lunge, Luvemba, Bimbe e Hengue, a região do Bailundo é também conhecida por ser a terra de Katiavala, o primeiro rei da região, que, vindo do Cuanza Sul, fundou e reinou durante muitos anos o mais poderoso e influente reino do centro de Angola. O município possui várias cadeias montanhosas, com destaque para Lumbanganda, Nity, Chilono, Halavala - esta última guarda os restos mortais dos soberanos Katiavala e Ekuikui, símbolos daquele povo, pela forte resistência imposta ao colonialismo português naquela região do planalto.

CAÁLA

Localiza-se na região central da província do Huambo. A população local estima-se em 373 mil habitantes, maioritariamente de origem camponesa. Caála possui uma área de cerca de 3.680 quilómetros quadrados. Composto pelas comunas da Caála, Cuima, Calenga e Catata, o município foi elevado a categoria de Concelho em 1956, e a sua sede, até 1970 designou-se Vila de Robert Williams, em homenagem ao magnata britânico que impulsionou a construção do Caminho de Ferro de Benguela. Caála dista cerca de 23 quilómetros da cidade do Huambo. Era conhecida como a "Rainha do Milho". Possuía um dos maiores campos de produção de silos da província. A localidade conta com um dos maiores mercados para venda de produtos agro-pecuários, na comuna da Calenga, que abastece os principais centros comerciais da província. Na área da Codume, na sede municipal, está o Polo Industrial, com uma área de mais de 1000 hectares. Actualmente, no local, funcionam as fábricas de colchões, carteiras, reservatórios de água e de combustíveis.

EKUNHA

A Ekunha está no Centro-Oeste da província. O município possui 1.677 quilómetros quadrados e uma população estimada em 95 mil habitantes, subdivididos em grande maioria pelos grupos étnicos Wambus, Bailundos e Sambos, além de alguns Nganguelas e Chokwes. É composto por duas comunas: Ekunha (sede), com 797 quilómetros quadrados, e a comuna do Chipeio, com cerca de 880 quilómetros quadrados. Na região nascem numerosos cursos de água que alimentam as bacias do Queve e do Cunene. O território é conhecido como a "Rainha da Batata". Além da cultura do milho, feijão e hortícolas, os agricultores do Ekunha produzem grandes quantidades de batata-doce.

LONGONJO

Com cerca de 2.915 quilómetros quadrados, Longonjo tem uma população estimada em mais de 91 mil habitantes concentrados nas comunas de Catabola, Chilata e Longonjo. A principal actividade desenvolvida no município é a agricultura e a pastorícia. Possui um grande número de criadores de gado bovino e caprino, que fornecem grande parte da carne consumida na província. Na localidade, foram erguidas 100 casas sociais, um hospital de referência, um centro materno infantil e várias escolas. Longonjo foi grande produtor de bebidas alcoólicas, como o famoso Anis, vulgo "Caviquiviqui", que era vendido em quase todo o território do Huambo.

TCHICALA TCHOLOANGA

Maior produtor de carne bovina e suína, a antiga Vila Nova, hoje conhecida como Tchicala Tcholoanga, dista cerca de 42 quilómetros da cidade do Huambo. Até finais dos anos 80, havia, no município, um total de 41 fazendas de criação de gado, que abasteciam as fábricas de derivados de carne e de produção de leite. Milhares de bovinos, caprinos, suínos e ovinos reproduzem-se nas comunas de Mbave, Chicala, Sambo e Samboto, onde o relançamento da actividade agropecuária pode incentivar o surgimento de várias fábricas, para gerar centenas de postos de trabalho. É o terceiro maior município da província, cuja extensão territorial é de 4.380 quilómetros quadrados. Uma das maiores atracções da região é o seu mercado municipal, que, contrariamente aos dos outros municípios, apenas as sextas-feiras é aberto para a comercialização de produtos agrícolas. Os rios Queve, Cunene e Cuvango nascem na Tchicala Tcholohanga.

UKUMA

Ukuma tem cerca de 1.600 quilómetros quadrados e mais de 72 mil habitantes. Constituído pelas comunas de Ukuma, Cacoma e Mundundo, o município localiza-se a 97 quilómetros da cidade do Huambo. É potencialmente agrícola. Além das culturas do milho, batata-doce, batata rena, e do feijão, nos últimos anos o alho tornou-se na principal aposta dos agricultores locais. Ukuma regista, também, grande produção de carne bovina e caprina. Na sede municipal funciona um dos mais famosos matadouros da província. A degradação das vias tem sido o principal calcanhar de Aquiles para os camponeses. Por falta de escoamento, grandes quantidades de produtos agrícolas apodrecem nos campos de cultivo.

LONDUIMBALI

Londuimbali é paragem obrigatória para os viajantes que se deslocam do litoral para o interior da província do Huambo, e vice-versa, pela Estrada Nacional 260. O nome atribuído à localidade resulta da sua localização geográfica, na confluência dos rios Cussangai e Culova, a Leste da sede municipal, passando por Luimbali, derivado da expressão "Londuivivali", que traduzido da língua nacional Umbundu, para o português, significa "dois rios". Com 2.698 quilómetros quadrados e uma população calculada em 161 mil habitantes, maioritariamente camponeses. São grandes produtores de milho, feijão e mandioca. A localidade regista um bom número de caçadores e pescadores artesanais. Londuimbali é detentor de um potencial turístico vasto. É neste território onde encontramos a serra com o pico mais alto do país, o Morro do Moco. No tempo colonial, a localidade era um posto administrativo do Concelho do Bailundo, então distrito do Huambo, tendo ascendido à categoria de município em 1971.

MUNGO

Mais à Norte da província do Huambo encontramos o município do Mungo, com cerca de 5.400 quilómetros quadrados. A sua população estima-se em mais de 30 mil habitantes, distribuídos em duas comunas: Mungo e Cambuengo. Devido à degradação dos cerca de 180 quilómetros, o Mungo ficou muito tempo separado do resto do país. Nos últimos anos, surgiram na circunscrição novas residências, lojas, escolas e estradas. Do Mungo sai grande parte dos produtos consumidos na província, como a fuba de milho, variedades de feijão, carne de caça, batata-doce e mandioca.

CATCHIUNGO

O Município do Catchiungo, antiga Bela Vista, situa-se a 62 quilómetros da cidade do Huambo. É um dos maiores produtores de cereais na província, destacando-se o cultivo de milho, feijão, soja, arroz, batata rena e doce e hortícolas diversas, fruto da fertilidade dos seus solos. A sua população, estimada em 64 mil habitantes, dedica-se também à criação de animais, pesca e à produção de mel, considerado um dos mais puros da província e até mesmo do país. Com dois mil e 947 quilómetros quadrados, é constituído pelas comunas de Catchiungo, Chiumbo e Chinhama. Catchiungo tem um dos mais importantes polígonos florestais, o Sanguengue, constituído por eucaliptos, que permite fazer uma agricultura com bons rendimentos por família.

MUNICÍPIO DO TCHINJENJE

O município do Tchinjenje é potencialmente agrícola. A agricultura familiar e de subsistência garantem a vida, num município onde falta quase tudo. A circunscrição carece de oferta de serviços sociais básicos, bancos, rede hoteleira, espaços de lazer, entre outros.

A população dedica-se inteiramente à agricultura e à criação de animais. O Tchinjenje possui grande tradição na produção do milho, feijão, a batata rena e doce, hortícolas e a mandioca. A Administração Municipal prevê construir mais escolas do ensino primário, residências para os quadros, alargar a rede de captação, tratamento e distribuição de água e melhorar o fornecimento de energia. A sede do município tem apenas dez quilómetros de estrada e nunca teve tapete asfáltico, mas as autoridades asseguram estar a envidar esforços para que, no futuro muito próximo, as condições sejam melhoradas.

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Altitude No Huambo está o pico mais alto de Angola, o Morro do Moco, com 2.620 metros de altura

COMÉRCIO

MAYOMONA GARCIA | EDIÇÕES NOVEMBRO

"Alemanha": Mercado a céu aberto inspirado no futebol

O mercado da Quissala é considerado o maior na Região Centro do País. Rende aos cofres do Estado – só em cobranças de taxas -, cerca de 10 milhões de kwanzas por mês, resultante da cobrança, por vendedor, de 100 Kwanzas. Adicionado aos quatro mil kwanzas das rendas mensais dos espaços para as pequenas lojas, estabelecimentos comerciais e armazéns, a quantia pode chegar aos 15 milhões.

*Filipe da Silva**
planalto.huambo@gmail.com

Corria o ano de 2006, quando a população do Huambo viu nascer o mercado a céu aberto da Quissala. Neste ano realizou-se também o Campeonato do Mundo da Alemanha, que marcou a estreia do nosso país no maior evento futebolístico mundial. Foi inspirado neste mundial, que homens e mulheres decidiram baptizar o mercado da Quissala com o nome "Alemanha", numa verdadeira homenagem aos artistas da bola.

De lá para cá, o mercado conheceu um crescimento exponencial, sendo, actualmente, um dos maiores do Planalto Central, com mais de quatro mil vendedores, entre angolanos e estrangeiros.

De terça a domingo - excepto às segundas-feiras, que é o dia da semana consagrado para a realização da limpeza geral -, passam pelo local milhares de cidadãos, entre compradores, vendedores, roboteiros, ajudantes, lotadores e lavadores de viaturas, mecânicos, electricistas e vários outros praticantes de pequenos negócios, que permitem o sustento das suas famílias.

No mercado da Alemanha vende-se e compra-se quase tudo, desde pequenas peças a grandes artigos, desde comida quente, convencionada no local, peças de viaturas, animais de pequeno porte vivos, carne, peixe congelado, arroz, fuba, massa, óleo alimentar, feijão, roupas, calçados, a preços considerados baixos, relativamente a outras zonas de comércio. Daí a azáfama que ganha diariamente desde período matinal até quase a anoitecer. O mercado é também o grande fornecedor de mercadorias, que é revendido em outros mercados, tanto locais como de províncias vizinhas.

CRIMINALIDADE EM ALTA

O mercado da Alemanha tornou-se também num dos mais violentos e perigosos locais da província. É o preferido dos meliantes que, à procura de vida fácil, utilizam todos os estratagemas para retirar algum do bolso do pacato cidadão.

Em todas as secções de venda fica difícil circular livremente. No mínimo descuido, qualquer pessoa pode torna-se presa fácil dos bandidos. A situação é mais grave no período da tarde, quando se encerram as vendas. O momento é de grande agitação, com os vendedores a procurarem guardar as suas mercadorias e os utentes do mercado em busca de um táxi ou kupapata, para regressar a casa. Aí pode-se estar exposto a um assalto "cirúrgico", uma vez que o policiamento no local é fraco.

Apesar dos esforços da administração do mercado e do Comando Municipal da Polícia no combate aos actos de criminalidade, poucas são as soluções para se inverter o quadro. Os utilizadores do mercado pedem mais acção da polícia, sobretudo no período da tarde, porque é a altura em que se registam o maior número de assaltos.

Dona Felícia Quimoto, vendedora no mercado da Alemanha há mais de dez anos, diz já ter sido vítima de dois assaltos em Dezembro último e testemunhado, no início de Março, um outro em pleno meio-dia, no qual foi roubado 800 mil kwanzas a um colega seu de bancada.

Outra vendedora, identificada apenas por Jandira, diz que a situação delituosa ultrapassa os limites do admissível. "Não existe qualquer policiamento no interior do mercado, por isso eles fazem o que lhes apetece", afirma.

De facto, a segurança é débil no mercado. Durante a nossa permanência no mercado – que foi das 14H30 às 18H35, quando os últimos raios de sol já se punham ao além -, conseguimos registar seis assaltos, todos eles com uso de arma de fogo. Em quatro deles foram subtraídos telefones às vítimas; outro envolveu assalto a uma viatura, que foi encontrada uma hora e meia depois abandonada na zona da Codume, na vila da Caála, e um sexto em que a vítima ficou sem 95 mil kwanzas.

"Precisamos urgente de um policiamento forte. A administração do mercado, por aquilo que cobra diariamente aos vendedores, podia perfeitamente contratar uma empresa de segurança para minimizar a situação, que é insustentável", afirma uma vendedora, que prefere não ser identificada temendo represálias.

ADMINISTRAÇÃO DO MERCADO

O administrador adjunto do mercado da Quissala, Abílio Sandala Nunda, disse ser preocupante os níveis de criminalidade no mercado e com tendência de aumentar. Segundo ele, os vários negócios lá existentes têm motivado a acção dos amigos do alheio. "A Polícia também está ao corrente da situação e temos trabalhado em conjunto para melhorar a situação", garantiu.

Abílio Nunda garantiu existir uma brigada de segurança privada, que trabalha em parceria com o Comando Provincial da Polícia e as esquadras móveis da redondeza do mercado, no sentido de manter a segurança e a tranquilidade dos vendedores. Reconheceu que o aparato montado revela-se ineficaz no combate à criminalidade no mercado, tendo em conta o número grande de pessoas que confluem ao espaço. Promete, no entanto, medidas adicionais para inverter o quadro.

SANEAMENTO BÁSICO

A administração do mercado tem promovido campanhas de limpeza para melhorar o saneamento básico do mercado e a manutenção da higiene. Todas as segundas-feiras são realizadas campanhas de limpeza, além de outras de rotinas de terça a sábado. A gestão do mercado reclama, entretanto, a pouca colaboração dos vendedores.

A limpeza é assegurada todas as segundas-feiras por um grupo composto por 138 funcionários. A recolha e o tratamento dos resíduos sólidos é depositado no aterro sanitário da província, na zona do Sector do Ngongoinga.

Entretanto, tem surgido reclamações da direcção do mercado sobre a pouca colaboração dos vendedores na manutenção do saneamento básico do espaço, uma vez que os mesmos colocam o lixo produzido durante o dia em locais impróprios. Por outro lado, os usuários queixam-se da insuficiência de balneários onde possam fazer necessidades fisiológicas, falta de serviços sociais básicos, tais como energia eléctrica e água canalizada, bem como serviços de saúde, já que pagam uma taxa diária de 100 Kwanzas para a manutenção e funcionamento do mercado.

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Acessórios A secção de peças de viaturas é das mais procuradas

O MAIOR DA REGIÃO CENTRO

O mercado da Quissala é considerado o maior centro de trocas comerciais da Região Centro do País. Rende aos cofres do Estado – só em cobranças de taxas -, cerca de 10 milhões de kwanzas por mês, resultante da cobrança, por vendedor, de 100 Kwanzas. Adicionado aos quatro mil kwanzas das rendas mensais dos espaços para as pequenas lojas, estabelecimentos comerciais e armazéns, a quantia pode chegar aos 15 milhões.

Abílio Nunda explica que, além das cobranças aos vendedores e também dos espaços comerciais, arrecada-se receitas provenientes das aplicações de multas, que administração do mercado e a Polícia impõe coercivamente aos infractores. Por cada multa aplicada, quatro mil kwanzas revertem directamente para a Conta Única do Tesouro.

*** COM ADELINA PAULO**

O mercado da Alemanha tornou-se também num dos mais violentos e perigosos locais da província. É o preferido dos meliantes que, à procura de vida fácil, utilizam todos os estratagemas para retirar algum do bolso do pacato cidadão. No mínimo descuido, qualquer pessoa pode tornar-se presa fácil dos bandidos. A situação é mais grave no período da tarde, quando se encerram as vendas.

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Higiene Administração acusa os vendedores de pouco participarem na limpeza do mercado

FOTOS DE FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

D. José Alves Queirós ao *Jornal Planalto*

"As assimetrias são um grande perigo para o desenvolvimento do interior"

O Arcebispo do Huambo, D. José Alves Queirós, é, seguramente, das poucas reservas morais com visão suficiente para falar, com propriedade e segurança, sobre as vivências da sociedade do Huambo. A sua missão pastoral leva-o a percorrer, permanentemente, todo o território da província. "O Huambo é uma grande família. Uma família que procura realizar as suas aspirações em todas as áreas", afirma, para acrescentar que o efeito das assimetrias criadas pelos políticos constituem grande perigo para o interior do país, porque atrasam o desenvolvimento da região Centro/Sul do País", defende.

Fernando Cunha
planalto.huambo@gmail.com

O Senhor Bispo vive no interior de Angola há mais de 30 anos e testemunhou as várias transformações que ocorreram na região. Esta é a sociedade que aspirava ver neste início do século XXI?
Não. E, explico-lhe porquê. Depois de 2002, o país teve uma oportunidade de ouro para crescer exponencialmente. Existiram zonas de Angola, como o litoral, que cresceram. Mas o interior continuou a ser esquecido e isso voltou a mexer com o "modus vivendis" das gentes que aqui habitam. Muitos perceberam rapidamente que a melhor forma de melhorar a vida era ir viver para as zonas do litoral. E é perfeitamente compreensível, tendo em conta as dificuldades porque passaram por altura do conflito armado. É uma verdade que deve ser rapidamente contornada, porque, cada vez que se vai mais para dentro do território nacional, relativamente às zonas do litoral, as dificuldades das pessoas aumentam significativamente.

Não houve, na sua óptica, uma visão correcta por parte da classe governante, na distribuição da riqueza nacional?
Não houve, e continua a não haver. Existiu um grande esforço na reabilitação de grandes equipamentos sociais. E o caminho-de-ferro e as vias rodoviárias são um grande exemplo. Mas, economicamente a vida das populações pouco se alterou e, isso fez com que grande parte delas voltasse a procurar conforto nas zonas próximas do mar, onde há de facto mais investimentos públicos e a economia funciona melhor.

É defensor da ideia de que o interior do país deve ser prioridade nos grandes investimentos que o Estado faz?
Não há dúvidas, porque um país só pode ser equilibrado quando os seus dirigentes ou as pessoas que o governam conhecerem as zonas de desenvolvimento nas diferentes regiões. Não interessa para nada ter uma cidade como Luanda com mais de oito milhões de habitantes, com os problemas nela vigentes, porque só atrapalha a governação e os mais prejudicados nisto tudo são as populações.

Qual seria a melhor maneira para resolver o problema das assimetrias regionais?
É fazer com que as outras cidades tenham condições de se desenvolverem da mesma maneira que Luanda. Aqui no Huambo, há um grande incremento na educação, à todos os níveis. Isso é inegável. Entretanto, as pessoas formadas nestas escolas precisam encontrar espaços e um lugar para trabalhar. Como não encontram, procuram outros centros como Luanda e, com isso, estamos a desequilibrar a sociedade. Estamos a fazer com que muitas pessoas formadas, com muitos conhecimentos e até grandes aspirações, sintam-se frustradas, porque não têm como aplicar na prática o que sabem.

Como se pode acabar com essa tendência "luandocentrista" de governação do Estado?
É urgente que ao lado da educação haja também um incremento dos outros aspectos que ajudem a evoluir a sociedade do interior, nomeadamente no aspecto industrial, comercial e agrícola, dadas as potencialidades existentes nestas zonas do centro, leste e sul de Angola. Portanto, para mim, quanto mais os governantes, dentro das suas políticas governativas, souberem criar pólos de desenvolvimento nas diferentes regiões do país, vai evitar, seguramente, que as populações andem sempre a correr para Luanda, mas sim, se fixem nas suas zonas de origem.

A criação das autarquias locais pode ser uma forma de resolver este velho problema das assimetrias no interior?
Depende da maneira como se pretende materializar. Há países que já andam nisso há muito tempo e, os problemas locais, em muito deles continuam. Mas, na minha visão, é importante desconcentrar as políticas de Estado. Vai permitir que todos os municípios da nossa província e outras localidades do interior, criem condições essenciais para que as populações residentes tenham condições para trabalhar e gerar riquezas, que vão ajudar a desenvolver estas zonas. Tais políticas de Estado devem ser bem implementadas e na base da honestidade, porque um dos grandes problemas deste país é a falta de honestidade de muitos gestores públicos na materialização do interesse público.

Esta é uma de muitas maneiras para equilibrar o país?
É pela via da união de todas as forças produtivas deste país e, com uma maior concorrência. É necessário, imperioso mesmo, que comece a haver justiça social, que a população se sinta vencedora. Isso tudo é saudável. O Huambo tem uma população de cultura elevada que passou por uma série de situações. Por isso, para mim, é hora de mudar. Não estou aqui a sugerir que se resolvam todos os problemas de uma vez, porém, aquilo que é possível fazer, que se faça. As prioridades do Estado, nesta altura, devem estar viradas para os programas que proporcionem a justiça social, que não deixem as pessoas totalmente abandonadas.

IGREJA PRIORIZA APOIOS PARA EDUCAÇÃO E SAÚDE

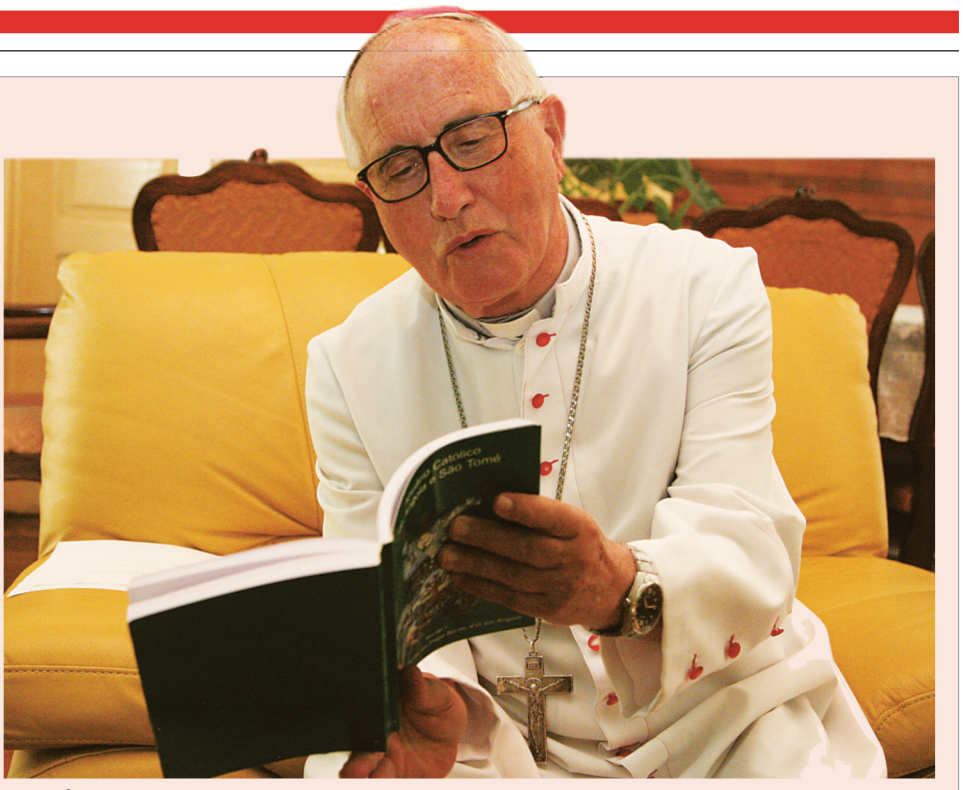
Como os cristãos ajudam o governo na nobre missão de apoiar a educação e saúde, sendo que estes sectores constituem prioridade máxima do Estado angolano?
A Igreja, desde cedo, quando aqui se enraizou, primou sempre pela educação das populações, porque vê na educação a maneira de elevar a qualidade das pessoas. Cá no Huambo, começamos com a missão do Bailundo. A educação é, para nós, um aspecto estratégico, porque é com a educação que as pessoas se superam. A aposta da Igreja sempre foram as zonas rurais, porque partimos sempre do critério de que, quanto mais nos afastarmos dos grandes centros habitacionais haverá menos interferência e, depois, porque as crianças, que são a nossa grande prioridade, ficam mais tranquilas e podem apenas dedicar-se aos estudos.

Quanto a escola, a vossa linha estratégica é, claramente, a criança e as zonas rurais. Os grandes centros urbanos não merecem a atenção da Igreja?
Merecem e, por isso temos algumas escolas espalhadas pela cidade do Huambo. Mas a nossa prioridade são mesmo as zonas rurais, porque é no meio rural onde estão as famílias com maiores dificuldades, sem meios para proporcionar uma boa educação aos seus filhos. E o nosso contributo tem duas linhas bem claras: a formação do homem, integralmente, e a formação religiosa. Primeiramente para que se formem como pessoas e, depois, para que se sintam realizadas e possam contribuir verdadeiramente para a formação das comunidades, para que as pessoas estejam plenamente integradas e realizadas.

E como é feita, pela Igreja, esta estruturação lá no meio rural?
Ela é feita da seguinte forma: primeiramente a criança deve evoluir na normalidade, ou seja, a Igreja lhe proporciona os primeiros passos para a vida. Tudo isso é feito com a iniciação e o ensino primário. Depois chega o secundário, que para nós é a fase do acompanhamento da criança, aquela fase em que ela toma contacto com as noções privilegiadas à Ciência da Educação. Depois vem o ensino médio, em que procuramos formar o homem com cursos técnicos, com valências que lhe podem ser úteis neste período da vida deles. Temos exemplos de alunos formados na nossa escola do Cuima (Caála) e da Bela Vista (Cachiungo), que marcaram profundamente a vida de muitos cidadãos, que hoje trabalham por esta Angola fora. Neste ano de 2018 arrancamos com a formação universitária. Com isso, pretendemos de alguma maneira que Angola encontre um caminho de justiça, um caminho de pleno acolhimento das pessoas.

E a formação cristã, em que parâmetros se assenta?
Para nós, é a mais importante de todas, independentemente de toda a nossa contribuição à sociedade. Com a formação cristã procuramos fazer com que as populações vivam dentro dos critérios de justiça, de fraternidade, de acolhimento, de colaboração activa na construção da sociedade, de modos que estejam abertos à Deus e aos irmãos.

Um dos problemas mais graves, que o país vive, está relacionado com a saúde. O que acha que deveria ser feito para melhorar a qualidade dos serviços prestados pelas unidades sanitárias da região?
Os problemas da saúde são dos mais graves, sim. Para não dizermos mesmo o maior. E, o Huambo não está dissociado disso. Para nós é importante que as pessoas estejam saudáveis à todo o tempo. Que vivam com segurança e ajudem a construir a sociedade dentro da fraternidade. A doença é uma situação determinante que todos nós passamos por ela. Uma sociedade que não tem garantido os serviços primordiais de saúde, terá sempre desequilíbrios muito grandes. Por isso, somos defensores acérrimos de um serviço de saúde pública funcional. Sentimos os esforços que o Governo enceta todos os dias e, é de saudar. Há muito interesse da parte dos médicos e seus auxiliares, mesmos com poucas condições, em atender o próximo. Acho que a cobertura melhorou comparativamente aos outros anos, mas em contrapartida há muita falta de medicamentos para resolver problemas como a malária e a tuberculose. O número de doentes aumentou nas enfermarias. Daí ser necessário maior emppenho do Governo, que deve, urgentemente, melhorar as políticas de saúde pública, por ser um aspecto prioritário para a vida humana. E sendo prioridade, o Governo tem a obrigação de abdicar de outros investimentos que pretenda fazer, e apostar já na resolução dos problemas do sector. É urgente vencer esse estado de coisas, porque grande parte das famílias que recorre aos hospitais públicos não tem condições económicas para adquirir os medicamentos básicos. É por isso que o Estado deve intervir rapidamente.



Ensino A Igreja exerce um papel importante na educação das pessoas

Constatou isso durante as visitas que efectuou às unidades sanitárias da cidade, por altura da semana do doente, promovida pela Igreja. E nas zonas rurais, como estão as coisas?
Independentemente daquilo que fui falando, notei que há um esforço do Governo para a vertente da formação. Há muitos enfermeiros concentrados nos hospitais da cidade. É necessário que se comece também a pensar no interior da província. Olhar mais para os outros municípios distantes da sede provincial, porque nas zonas rurais as coisas não estão nada boas. Há localidades onde o Governo tem de intervir e, com muita força.

Pode explicar-se melhor, senhor Bispo?
Nas comunas, aldeias e ombalas, e naquelas localidades mais afastadas das sedes municipais, existem infra-estruturas de saúde. Mas falta o mais importante, o homem especializado para atender as populações locais. Faltam medicamentos. As populações destas zonas vivem muito mal. Primeiro porque os acessos sãos difíceis. As pessoas quase que não se podem locomover. Algumas vezes fazem-no com dificuldades imensas, em motorizadas. Você já imaginou o que é trazer um doente tuberculoso neste tipo de meio de transporte? Seguramente que é um problema muito grande. Mas acontece.

Que soluções avança para ajudar o Estado na resolução destes problemas?
Uma das soluções passa por enviar muitos dos quadros que estão na sede provincial às aldeias, comunas e ombalas. É, portanto, imperioso colocar a funcionar bem aquelas estruturas que estão paradas por falta de gente especializada e, ali onde não existem equipamentos, colocar lá hospitais de campanha, que permitam, por exemplo, que uma mulher grávida seja socorrida, quando estiver prestes a ter o filho.

PERFIL

Nome: José Alves Queirós
Data de nascimento: 6 de Maio de 1941
Naturalidade: Soalhães, Porto-Portugal
Ordenado sacerdote a 2 de Agosto de 1966
Nomeado bispo de Menongue a 12 de Setembro de 1986, Consagrado a 23 de Novembro de 1986
Nomeado arcebispo em 7 de Abril de 2004
Tomada de posse a 27 de Junho de 2004
É membro da Congregação dos Missionários do Santíssimo Redentor, onde emitiu os primeiros votos a 15 de Agosto de 1960.
Estudou filosofia e teologia no Seminário Maior dos Missionários Redentoristas de Valladolid em Espanha. Licenciou-se em Pastoral e Catequeses pelo Instituto"LÚMEN VITAE" de Bruxelas, na Bélgica, em 1979.
Ministério: Missionário na Diocese do Kuito-Bié e de Menongue. É vice-provincial dos Redentoristas em Angola, desde 1972.

"INFELIZMENTE, A CRIMINALIDADE E A PROSTITUIÇÃO CHEGARAM À NOSSA CIDADE"

Casos de criminalidade violenta e o fenómeno da prostituição infantil crescem todos os dias no Huambo, factos do género eram impensáveis há 10 anos atrás...
É verdade, infelizmente estes fenómenos chegaram à nossa cidade. São factos decorrentes da evolução e do crescimento desfasado, em concreto, da nossa sociedade. Infelizmente, tais ocorrências são frutos de muitos fenómenos sociais. No que a Igreja cabe, temos realizado o nosso trabalho de moralização cristã e religiosa. Quando nós falamos dos "10 Mandamentos", devo dizer que não são 10 Mandamentos da Igreja, mas sim "10 Mandamentos do Homem", para que ele possa sentir-se verdadeiramente homem. Se nós dissermos que estas leis são inventadas pelo homem, então estaremos a dizer que o homem está a lutar um contra o outro. E, isso dentro da humanidade não se pode admitir. O homem cai facilmente no egoísmo, no interesse, na tentação de aproveitar-se da vulnerabilidade do mais fraco. O que é muito triste. E nós, dentro da pastoral fazemos o trabalho para evitar que isso ocorra, para que os jovens vivam com dignidade na sua existência. Esse é o objectivo da Igreja.

Mas, como acha que estes ensinamentos são absorvidos pela juventude, a principal vítima desses males?
Procuramos impedir que a juventude, aquela que vive no seio da fé cristã, não viva de ambientes violentos, porque se assim não for, serão pessoas anormais e desequilibradas, que acabarão sempre por parar nas cadeias. Temos casas de cura e reabilitação aqui na província do Huambo. A Fazenda Esperança, no Catchiungo, está vocacionada para o tratamento de pessoas vítimas de drogas, do alcoolismo. Neste projecto temos reabilitado muitos jovens, que anteriormente caminhavam por esta vida mundana. Além disso, temos sensibilizado as pessoas, por via de campanhas sobre a gravidade que constitui a prostituição, aborto, o problema das mães solteiras, entre outros assuntos que levamos muito à sério dentro da pastoral da Igreja. É importante que as pessoas percebam, definitivamente, que se deve amar Deus com todo o coração, ter um coração aberto, que acolha Deus e à todos. Só assim vamos ter bons resultados no combate a estas práticas negativas.

EKUIKUI V E BUBA N'DALA REUNIRAM NA OMBALA MBALUNDU

Reinos do Bailundo e do N'Dongo reforçam laços de irmandade

O Rei do Bailundo voltou alertar para o perigo que constitui a "proliferação de muitos Reinos", que procuram desvirtuar a história do país. Segundo Ekuikui V, em Angola, conforme reza a tradição, existem apenas cinco reinos, designadamente do Bailundo, Cuanhama, Congo, Ndongo e Lunda

MAYOMONA GARCIA | EDIÇÕES NOVEMBRO

PODER TRADICIONAL

Zelito Sabalo
planalto.huambo@gmail.com

A cooperação entre os reinos do Bailundo e do Ndongo ganhou novo impulso com a vista do Rei Buba Nvula N´Dala à Ombala Mbalundu. Nesta visita ficou reforçado os laços históricos de irmandade e intercâmbio entre os dois reinos.

"O Rei representa uma região e uma língua. Para todos que falam a língua Quimbundo, aqui está o Rei. O Rei do Ndongo, é da nossa família!".

Foram com estas palavras, que o Rei Ekuikui V, do Bailundo, deu as boas-vindas ao Rei do Ndongo e membros da sua delegação. "A nossa história está ligada há séculos. A sua visita à Ombala Mbalundu, representa o reforço dessa relação de irmandade e união. Vamos aproveitar cada momento desse nosso encontro para celebrarmos as nossas vitórias, trocarmos experiências e acertámos um maior intercâmbio", disse Ekuikui V.

No encontro, o Rei do Bailundo voltou alertar para o perigo que constitui a "proliferação de muitos Reinos", que procuram desvirtuar a história do país. Segundo Ekuikui V, em Angola, conforme reza a tradição, existem apenas cinco reinos, designadamente do Bailundo, Cuanhama, Congo, Ndongo e Lunda. "O Reino é um território, a exemplo do Bailundo, que começa na província do Bié, abrange Benguela, Huambo e uma parte da Huíla. É constituída por uma Corte, onde temos o Soba grande que controla cinco, trinta ou cinquenta aldeias, enquanto o seculo controla uma aldeia. Infelizmente, para nosso espanto, temos assistido a uma proliferação de reinos, facto que provoca muitos conflitos, porque não têm aldeias sob o controlo dos mesmos", alertou Ekuikui V.

O soberano do povo Ovimbundo realçou a necessidade urgente da elaboração, por parte das autoridades, de um documento orientador, em que estejam reflectidos os reinos e autoridades tradicionais reconhecidas pelo Estado, clarificando as atribuições e competências de cada reino, como forma de evitar conflitos em muitas regiões do país.

REI DO NDONGO

O Rei Buba Nvula N'Dala defendeu ser necessário "travar os que querem receber o poder à força", recorrendo a meios escusos, sobretudo a feitiçaria.

O soberano considera "desconhecedores da história", pessoas com tais comportamentos, um factor que revela falta de princípios e respeito pela tradição.

O soberano do povo Quimbundo evoca que, apesar de tais atitudes, as portas do diálogo devem estar sempre abertas, para mostrar as estas pessoas "o caminho da verdade e do caminhar numa só direcção".

"Numa província não pode existir mais que um rei. É contra as regras do poder tradicional. Para se ser rei tem que haver sinais. As pessoas não querem conhecer a história, razão pela qual há muitas mortes e desavenças. Estamos a estragar o poder tradicional", disse Buba Nvula N'Dala.

O Rei do Ndongo partilha da mesma opinião do Rei do Bailundo, quanto a elaboração de um documento clarificador, que estipule os reinos reconhecidos pelo Estado fruto da tradição, para que possam ser ultrapassados os conflitos que vão surgindo nos cinco reinos que a história regista.

HISTORIADOR SABINO CANIVETE

A visita do Rei Buba Nvula N'Dala à Ombala Mbalundu é, na opinião do historiador e docente do Instituto Superior Politécnico do Bié, afecto a Universidade José Eduardo dos Santos, Sabino Canivete, uma reposição da história dos nossos antepassados.

Entre os dois Reinos há uma única raiz e a prova disso, segundo ele, é que entre 40 a 60 porcento dos vocábulos dos dois povos têm a mesma similitude, o que, de acordo com o docente, "os torna membros da mesma linhagem, pois quando alguém fala o Quimbundo mais facilmente compreende o Umbundu". "Os Reinos do Bailundo e do Ndongo têm uma ligação estreita há muitos séculos. A presença do Rei Buba Nvula N'Dala na Ombala Mbalundu, ajuda a acabar com a ideia de que um era superior ou vassalo do outro Reino. Isto nunca aconteceu, porque desde cedo, compreenderam que não existe cultura maior que a outra", contextualiza o historiador.

OS REINOS SÃO FACTOR DE UNIDADE NACIONAL

Sabino Canivete é directo quanto à importância do papel das autoridades tradicionais no contexto da nossa sociedade. "Representam a unidade nacional e a concórdia na preservação da nossa memória colectiva: hábitos e costumes". O Rei do Ndongo só teve duas filhas. Quando morreu não tinha ninguém para sucedê-lo. As duas filhas lutaram. Uma conseguiu matar a irmã. O marido da assassina, que era um forasteiro, ascende ao trono. A partir daí, começa uma nova linhagem, que é dos 'ngolas', dando origem ao nascimento de Nzinga Mbandi e Ngola Kiluanje. "Esta é a genealogia do Rei do Ndongo", frisou o historiador.

CONSELHO DA REPÚBLICA

Os reis Ekuikui V e Buba Nvula N'Dala consideram "um facto histórico" a indicação do Rei dos Baiacas como membro do Conselho da República. Em 42 anos de independência esta é a primeira vez que uma autoridade tradicional é indicada para esta função.

"O Presidente João Lourenço demostra com esta indicação a sua vontade em resolver os problemas do povo que vive no meio rural e que têm nas autoridades tradicionais a primeira figura para colocarem as suas preocupações e dificuldades, para que estes, por sua vez, sejam os seus porta-vozes junto do Executivo", afirmaram.

Os soberanos do Bailundo e do Ndongo são unânimes em reconhecer, que esta indicação vai contribuir para que os conflitos em alguns reinos sejam ultrapassados.

"Os Reinos do Bailundo e do Ndongo têm uma ligação estreita há muitos séculos. A presença do Rei Buba Nvula N'Dala na Ombala Mbalundu, ajuda a acabar com a ideia de que um era superior ou vassalo do outro Reino. Isto nunca aconteceu, porque desde cedo, compreenderam que não existe cultura maior que a outra", contextualiza o historiador." Representam a unidade nacional e a concórdia na preservação da nossa memória colectiva: hábitos e costumes".

MAYOMONA GARCIA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Satisfação Ekuikui V e Buba Nvula N´Dala consideram facto histórico a indicação do Rei dos Baiacas como conselheiro do Presidente da República

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

CAÁLA

Jovens exigem mais oportunidades de emprego

Justino Victorino *
planalto.huambo@gmail.com

Os moradores dos bairros de Mussili e Mungumbala, no Município da Caála, manifestam-se preocupados com o aumento dos índices de delinquência que se verificam na antiga vila Robert Williams. A juventude clama por oportunidades de emprego e a criação de Centros de Artes e Ofícios para a sua formação profissional.

Cornélio Filipe Bongue, 32 anos, vive no bairro Mussili e está desempregado desde que as obras da centralidade da Caála, no bairro Condume, terminaram. Para puder garantir o sustento dos seus, virou moto-taxista do tio (Kupapata na língua nacional Umbundu), para quem tem de garantir cinco dias de trabalho semanal, sendo que os dividendos dos restantes dois, são para o seu orçamento familiar.

"A vida não está fácil. A generosidade do meu tio foi determinante e de maneira natural virei seu funcionário. Da mota por ele cedida para realizar o serviço de Kupapata, vou ganhando o sustento para a minha família", aponta ele meio conformado com a sua sorte.

Além do serviço de kupapata, sempre que sobra algum tempo Cornélio Filipe Bongue dedica-se a outros ofícios, tais como ajudante de pedreiro ou a venda de bebidas alcoólicas, dada a grande demanda existente na zona para este tipo de trabalhos.

Com apenas o ensino de base concluído (tem apenas a oitava classe), não sonha chegar a universidade, porque entende ser tarde para ele, mas quer ver criado no seu bairro os centros de artes e ofícios.

"Ajudaria seguramente a minorar a delinquência aqui no Mussili. Os jovens, por não terem emprego, querem que o governo construa aqui na Caála centros de formação profissional. Acredito que muitos de nós ganharíamos muitos", disse.

Já Matias Hungulo, do bairro Mungumbala, vê o factor delinquência, na sua área de residência, de maneira mais profunda. Segundo ele, a falta de políticas sociais concretas por parte da Administração Municipal da Caála, está a criar graves transtornos a população local.

"O fenómeno da prostituição atingiu a Mungumbala. Nos dias de hoje vive-se esta situação de maneira descarada, coisa impensável há três anos atrás. O álcool e as drogas em grandes proporções tomam conta da região, tudo porque não existem políticas sociais bem definidas por parte da administração, principalmente na concepção de espaços para auto-construção dirigida e comércio", desabafou.

Os bairros Mussili e Munguambala são os mais populosos do Município da Caála com mais de 110 mil habitantes, de acordo com os dados do Censo Geral da População e Habitação, realizado em 2014. Tal facto faz com que os assaltos sejam frequentes, principalmente contra os Kupapatas e a classe estudantil que frequenta aulas no período nocturno.

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Morador Cornélio Bongue

FRACO PATRULHAMENTO

Os moradores dos bairros periféricos do município da Caála denunciam que o fraco patrulhamento da Polícia Nacional, principalmente no período nocturno, tem permitido o aumento dos índices de criminalidade.

"A situação é crítica. A partir das 19 horas as pessoas já têm medo de circular pelas ruas, porque os marginais estão em tudo quanto é canto e a Polícia nunca está presente para socorrer o cidadão", reclamou um morador, que preferiu o anonimato, acrescentando que os delinquentes aproveitam o período da noite para intensificarem as suas acções criminosas.

O comandante municipal da Polícia Nacional na Caála, Maurício Likutu Dias, disse haver agentes suficientes para garantir a ordem e a tranquilidade pública em toda a extensão daquele município da província do Huambo. "Não há necessidade para a população ficar preocupada, uma vez que a corporação dispõe de meios para realizar as micro-operações de patrulhamento e policiamento de proximidade", afirmou.

O superintende-chefe Maurício Lukutu Dias considerou ser "normal" a ocorrência de alguns crimes de roubos, violações e assaltos na via pública, que não passam de dois ou três por dia, numa localidade com mais de 260 mil habitantes.

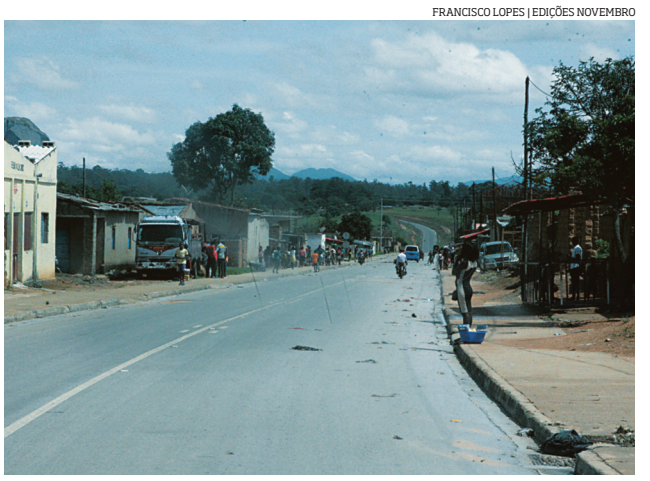
Os casos, explicou, acontecem de maneira isolada, numa altura em que os agentes de ordem pública estão a efectuar rondas noutras localidades. "A ausência dos agentes da Polícia Nacional num determinado local não significa falta de patrulhamento e segurança no município. É normal que haja reclamações por parte dos munícipes porque têm uma visão diferente do 'modus operandi' das forças no terreno", disse.

Aquele oficial superior da Polícia Nacional garantiu que o efectivo actualmente disponível é suficiente para dar resposta pronta e eficaz aos crimes que ocorrem e considerou ser humanamente impossível colocar à disposição de cada cidadão um agen-

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Segurança Comandante garante prontidão

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO



Mussili Jovens pedem mais postos de trabalho

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Mungumbala O campo tem sido a solução

Os bairros Mussil e Mungumbala são os mais populosos do Município da Caála com mais de 110 mil habitantes, de acordo com os dados do Censo Geral da População e Habitação, de 2014

te, estando, actualmente, o rácio estimado em um polícia para 250 habitantes.

"A Caála é o segundo maior município da província do Huambo, mas os crimes que ocorrem na nossa zona de jurisdição não são assustadores. Apesar disso, a corporação pretende reduzir os níveis de casos que se registam diariamente, com trabalho de policiamento de baixa visibilidade, contanto, em algumas ocasiões, com as denúncias dos populares na identificação dos meliantes", afirmou o comandante.

O Comando Municipal da Polícia da Caála tem estado a desenvolver, segundo o superintendente-chefe, palestras de sensibilização junto das autoridades tradicionais, religiosas e estudantes, sobre medidas de prevenção, como a não exibição de objectos de valores em público.

"A população, principalmente os mais jovens, deve ter algum cuidado ao circular na via pública. Deve evitar a ostentação, a exibição de objectos de valores em público, porque isso chama atenção dos marginais que estão sempre à espreita", alertou o superintendente-chefe.

FALTAM SERVIÇOS SOCIAIS BÁSICOS

A esperança ainda não se esfumou, mas a expectativa dos moradores dos bairros que circundam a Vila sede da Caála em verem os problemas do saneamento básico e outros resolvido, desvanece a cada ano que passa.
Segundo eles, há mais de três décadas que convivem com a situação que já deveria estar resolvida desde que o país se transformou num canteiro de obras.

Projectos estruturantes do Estado angolano para a resolução destes e de outros problemas infraestruturais da sede da Caála e de outras comunas e aldeias do município existem, mas não são do conhecimento dos moradores dos bairros da Tchandenda, Lua-Cheia, Lua-Nova, CRC, Lenha, Mussili, Mungumbala e do Sector de Muangundja, todos situados na periferia da sede municipal.

Os problemas são inúmeros para os cidadãos que habitam estes bairros da periferia da Vila da Caála. Os aglomerados habitacionais que surgiram de maneira desordenada e sem uma concepção arquitectónica correcta, são hoje a imagem do município da Caála.

Nestes bairros falta quase tudo o que é essencial à sobrevivência humana. Desde a água canalizada a iluminação pública e doméstica, passando pelo deficiente funcionamento dos serviços de saúde, o avançado estado de degradação das vias de acesso, até a gritante falta de policiamento, que descamba na insegurança que proporciona o aumento da delinquência e a degradação da qualidade de vida das pessoas.

Jovens abordados pela reportagem do ***Jornal Planalto***, dizem que em 2012 o governo iniciou a colocação de material eléctrico, que proporcionaria a chegada de energia fornecida pela barragem do Ngove, situada no Sector com o mesmo nome, na comuna do Cuima. Entretanto, dizem não compreender que, transcorrido mais de cinco anos, a situação não se alterou.

"O projecto de electrificação começou em 2012, foram colocados postos para a iluminação pública e alguns de alta tensão, mas como podem constatar, ficou-se por isso mesmo. A administração municipal, que aqui representa o governo, nunca deu qualquer explicação relativamente a este projecto", afirma desiludido o ancião Luciano Paquete, de 71 anos, nascido e criado na Caála.

O Governo Central, por via do Ministério da Energia e Águas, tem idealizado, desde o início do processo de reconstrução da barragem do Ngove, o plano de distribuição de energia para o município da Caála.

De acordo com dados, a que o ***Jornal Planalto*** teve acesso, existe um plano de electrificação das zonas existentes, quer na Vila sede do município, quer dos bairros periféricos a ela circundantes. Porém a execução do projecto esbarra na vertente financeira, que assola grande parte da economia nacional desde o começo de 2014.

POPULAÇÃO SENTE-SE DESPROTEGIDA

A falta de iluminação pública em toda área periférica da vila sede da Caála é aproveitada por meliantes para a prática de crimes diversos, desde homicídios, assaltos a residências, raptos, violações, facto que deixa os habitantes dos bairros da Tchandenda, Lua Cheia, Lua Nova, CRC, Lenha, Musili, Mungumbala e da Muangundja em desespero.

A maior parte dos crimes é praticado por jovens na faixa dos 14 aos 25 anos. O ancião Luciano Paquete, morador da Tchandenda, associa maior parte dos crimes que ali acorre à falta de emprego. "O patrulhamento resume-se às ruas principais da vila sede, mas propriamente na zona da administração. Cá no bairro é difícil ver qualquer acção policial. Alegam falta de meios para patrulhar as ruas no período nocturno e os bandidos fazem o que lhes apetece aqui na Tchandenda. Basta escurecer, os agentes policiais destacados durante o dia nesta zona, recolhem-se sempre para a área urbana ", afirma o ancião.

A população diz acreditar nos organismos do Estado, apesar de não sentirem a sua presença contante. Pretendem colaborar com as autoridades policiais para impedir que as acções dos meliantes ganhem proporções assustadoras e pedem mais atitude por parte da Polícia Nacional no combate a delinquência na Caála.

****COM MARCELINO WAMBO E MÁRIO CLEMENTE***

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Ancião Luciano Paquete

Breves

SAÚDE PÚBLICA

CASOS DE CÓLERA ASSOMBRAM BAIRRO DO CRC

Mais de 25 casos de cólera foram registados no hospital municipal da Caála na primeira semana do mês de Março. Os doentes são todos moradores do bairro CRC, um dos maiores e mais antigos daquele município da província do Huambo.
A falta de saneamento básico no bairro CRC, segundo apurou "in loco" o *Jornal Planalto*, é o principal factor da proliferação da epidemia.
Os moradores acusam Administração Municipal de ter retirado os poucos contentores de lixo que ali existiam, facto que os obrigou a depositarem os resíduos sólidos em locais inapropriado, provocando assim o surgimento de novos casos de cólera.
"Os moradores despejam o lixo em locais inapropriado, como escavações na via pública e valas de passagem de águas residuais, que com as constantes chuvas, provocam grandes amontoados de lixo e lama em muitas ruas, e muitas crianças e até jovens fazem dessas zonas sítios preferenciais para as suas brincadeiras", disse o chefe da Associação de Jovens empreendedores do CRC, Geovani dos Santos. Em função dessa situação, qualificada por ele como "grave", Geovani dos Santos apela, a quem de direito, uma pronta intervenção com o objectivo urgente de se melhorar as condições de higiene no bairro. "O assunto deve merecer uma especial atenção das autoridades que velam pela saúde pública, porque a continuar assim, muitas pessoas correm risco de vida. Não existem lugares apropriados para depositarmos o lixo que produzimos em casa e com as chuvas constantes a nossa saúde está exposta a todo o tipo de endemias", disse Geovani dos Santos.

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Saúde A falta de saneamento básico é o principal factor da proliferação da epidemia

AULA MAGNA

É hora de comunicar com consciência e responsabilidade

O ministro da Comunicação Social, João Melo, defendeu no Huambo que os governantes devem estar preparados para aceitar a crítica e reafirmou o "fim" do jornalismo de propaganda.

Miguel Ângelo
planalto.huambo@gmail.com

Há, irreversivelmente, uma nova forma de comunicar por parte do Executivo para a sociedade angolana. O espaço para um maior diálogo entre governados e governantes ganha consistência e identidade, sem necessidade de se fugir ao confronto de ideias e aceitação da crítica.

E este ciclo de abertura da "penela de pressão" na comunicação social estatal em busca da garantia do interesse público - avança o ministro da Comunicação Social, João Melo -, tem no Presidente da República, João Lourenço, o principal impulsionador, por ele acreditar, piamente, que "não há democracia sem liberdade de expressão, sem liberdade de imprensa", sendo esse o único caminho para que se possa dar voz e espaço de opinião aos cidadãos dos mais diferentes estratos sociais.

Na manhã do dia 26 de Setembro de 2017, em plena nova Marginal de Luanda, este estágio de se puder 'escrever, falar, opinar e criticar", mas dentro da ética, deontologia profissional e urbanidade social, foi elevado a categoria de compromisso de Estado, durante o acto de investidura de João Lourenço nas vestes de Presidente de todos os angolanos.

"Como Chefe de Estado, irei trabalhar para que os sagrados laços do contrato social estabelecido entre governantes e cidadãos, sejam permanentemente renovados através da criação de espaços públicos de debate e troca de opiniões, bem como através da criação de meios eficazes e céleres para se exigir o respeito pelos direitos e para garantir a participação plena dos cidadãos na resolução dos problemas das comunidades em que estão inseridos", garantiu João Lourenço.

Nos últimos quinze anos, disse o Presidente no acto de tomada de posse, Angola conheceu um assinalável progresso no que respeita à qualidade da informação, assinalando haver mais jornais, mais estações de rádio e estações de televisão. Entende ele, que o debate é mais plural e melhorou também a liberdade de imprensa. Porém, avançou no seu discurso de posse, estar consciente de que ainda há muito por fazer e que o país está longe de atingir o ideal em matéria de comunicação.

"Neste mandato, vamos assegurar um maior investimento público no sector da comunicação social, de modo que os angolanos tenham acesso a uma informação fidedigna em todo o território nacional. Apelo, pois, aos servidores públicos para que mantenham uma maior abertura e aprendam a conviver com a crítica e com a diferença de opinião, favorecendo o debate de ideias, com o fim último da salvaguarda dos interesses da Nação e dos cidadãos", disse.

A história do povo angolano e da comunicação social tem registado nestas palavras do Presidente João Lourenço, um compromisso imparável e comprovadamente de Estado e de governação.

Foi por via deste trilho - suportado no compromisso discursivo do Chefe de Estado -, que João Melo, ministro da Comunicação Social, proferiu no início do mês de Março, na cidade do Huambo, uma aula magna sob o tema "O Discurso Jornalístico da Actualidade", em que deixou bem vincado, a nova forma do Executivo comunicar, de uma maneira mais plural com a sociedade.

JOSÉ COLA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Diálogo João Melo defende o confronto de ideias e aceitação da crítica

"Não há como fugir às redes sociais. Precisa-se, para quem governa, estar preparado para aceitar a crítica e reafirmar aqui, perante ilustres figuras da comunicação social angolana, que o jornalismo de propaganda chegou ao fim", afirmou o também professor universitário João Melo. A ouvi-lo falar sobre os novos caminhos a trilhar pela comunicação social estatal futuramente, estiveram o governador João Baptista Kussumua, os vice-governadores para o sector Político e Social das províncias do Huambo, Cuando Cubango e Cuanza-Sul, os presidentes dos Conselhos de Administração das empresas públicas de comunicação, jornalistas dos diferentes órgãos sediados na região centro e sul, académicos, estudantes universitários e sociedade da província do Huambo.

O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO

"O jornalista não é juíz, mas um mero comunicador de factos"

Com o "estado de euforia social" que o país passou a viver, a partir de 2011, com o surgimento das primeiras manifestações sociais, em que se destacaram os chamados "revús", a forma de comunicar mudou completamente. A comunicação social pública passou a privilegiar a propaganda, ao passo que a dita imprensa privada o sensacionalismo.

O docente universitário João Melo deixou claro durante a aula magna que proferiu na cidade do Huambo, para a comunidade jornalística e académica da província, que os Jornalistas não são juízes.

Para este decano do jornalismo angolano, existem muitos profissionais com propósitos inconfessos que querem, a todo custo, serem justiceiros. João Melo entende que, dentro das suas atribuições, o jornalista é "um mero e humilde comunicador". "As fronteiras devem estar bem clarificadas: o jornalista, dentro do perfil que rege a profissão, é um mero e humilde comunicador de factos, tendo na objectividade, factualidade, isenção, neutralidade e independência, o critério para o exercício da profissão", frisou.

Mas há, segundo João Melo, uma tendência nos últimos tempos, de se desvirtuar a realidade por parte de muitos profissionais de comunicação, que querem fazer passar a ideia de que "os jornalistas podem ser equiparados a juízes", convertendo-se numa espécie de "justiceiros, quase 'bófias e investigadores", em detrimento dos acontecimentos e das suas responsabilidades sociais.

Se alguns profissionais vão desvirtuando os conceitos da profissão, a inquietação maior de João Melo vai para a tendência de muitos jornalistas, sobretudo os de Televisão, que pelo "fascínio da imagem convertem-se em estrelas", quando, segundo ele, deveriam ser mais "preciso e imperioso na recolha das informações que passam para a sociedade enquanto profissionais e comunicadores de factos para a sociedade".

HISTÓRIA DO JORNALISMO

Fazendo um pouco de história sobre o surgimento da profissão na Europa Ocidental e na América, o professor João Melo apontou que o jornalismo nasceu fruto de duas linhas, sendo a primeira como actividade polemista ligada ao activismo social e político, e a segunda, mais pragmática, relacionada com os interesses humanos em concretos, sobretudo os económicos e comerciais.

Na dissertação, o palestrante dividiu o exercício da actividade jornalística em Angola, em cinco períodos fundamentais: em 1991, com a abertura da imprensa à sociedade e o fim do monopartidarismo, fruto da aprovação da Lei Constitucional no mesmo ano, que materializou o multipartidarismo em Angola, com os direitos de liberdade de imprensa e expressão claramente consagrados.

De 1992 a 2002, recorda, surgiram os primeiros jornais e rádios privadas, apontando que o processo da liberdade de imprensa e opinião acabou por ser afectado – como de resto a vida do próprio país -, com o eclodir da guerra pós-eleitoral de 1992. "A guerra pós-eleitoral de 1992 coarctou o processo do exercício pleno da liberdade de imprensa. Com o clima de guerra da altura, era difícil exercitar plenamente certos direitos, apesar de o Chefe de Estado na época não ter decretado o Estado de sítio", disse.

De 2002 a 2008, segundo João Melo, a actividade da imprensa foi caracterizada pelo espectro de "unanimidade nacional", sem grandes factos para debates, controvérsias e polémicas. Porém, com o "estado de euforia social" que o país passou a viver, a partir de 2011, com o surgimento das primeiras manifestações sociais, em que se destacaram a dos "revús", a forma de comunicar mudou completamente. Segundo o ministro, a comunicação social pública passou a privilegiar o sentido propagandístico, ao passo que a dita imprensa privada o sensacionalismo. O professor aponta mesmo que, durante este período que culminou, na sua visão, em 2017, o momento foi de "propaganda geral", o que causou a descredibilização do sector no seu todo. "A propaganda tem que ser utilizada com inteligência. A propaganda foi longe demais, contribuindo para a descredibilização da comunicação social. O público não é distraído. Sabe distinguir propaganda de informação", sublinhou.

Com a entrada em função do Executivo saído das eleições de 23 de Agosto de 2017, um novo ciclo - na visão do ministro João Melo -, se abre no que tange a liberdade de imprensa e opinião. Mas alerta ser necessário ter muito cuidado com aquilo que ele considera ser a abertura da "penela de pressão".

"Ao abrir-se a panela de pressão, com água ainda em ebulição, precisamos fazê-lo com cuidado. Se assim não for, queimamos a casa inteira. Por mais cuidados que possamos ter, alguns salpicos de água vão nos atingir. Estamos abrir a comunicação social pública aos diferentes extractos sociais, mas é um processo que deve ser feito com cuidado", defendeu. **MA**

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

INFRA-ESTRUTURA Pavilhão acolheu um dos grupos da XXIV edição do Afrobasket 2007

OSVALDO SERRA VAN-DUNEM

Pavilhão multiusos deixa de servir o desporto

O estado de degradação acentuado em que se encontra o pavilhão multiusos Osvaldo Serra Van-Dunem, por falta de políticas sérias e de programas de desenvolvimento das diferentes modalidades de sala, preocupa os agentes desportivos do Huambo.

Justino Vitorino
planalto.huambo@gmail.com

Em 2007, a população do Huambo vivia com euforia a realização da XXIV edição do Campeonato Africano das Nações, o Afrobasket. A expectativa era enorme. O Estado angolano investiu mais de 60 milhões de dólares na criação de condições infra-estruturais.

Huambo albergou um dos grupos da referida competição e beneficiou parte do investimento. Estavam lançadas as sementes, pelo menos na vertente infra-estrutural, para que modalidades como o Basquetebol, Andebol, Futsal, Voleibol, Hóquei em Patins, Ginástica, e outras modalidades de salão, marcassem passos significativos rumo ao seu desenvolvimento.

A imponência do Serra Van-Dunem e de um outro pavilhão recuperado, pertencente ao clube Petro do Huambo, não foi acompanhada de políticas de gestão desportiva consentâneas, que levassem à que essas modalidades crescessem de forma exponencial.

O que se viu, de lá até aos dias de hoje, foi o afastar, cada vez mais, dos atletas que deixaram de estar presentes nos campeonatos provinciais, regionais e nacionais.

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Director Joca Figueireido

Se no ano de 2007, o pavilhão, com 2.665 lugares, construído em 105 dias úteis, encheu de alegria e orgulho a sociedade do Huambo, hoje o encanto do passado dá lugar à tristeza. As expectativas geradas com a possibilidade do ressurgimento das modalidades de sala caiu em saco roto.

Os objectivos que se pretendiam alcançar falharam claramente. Os projectos idealizados pelos gestores desportivos da época nunca saíram do papel. A cada dia que passa, um pedaço do pavilhão Osvaldo Serra Van-Dunem, construído para albergar os jogos do grupo "C" do Afrobasket-2007, e que no ano seguinte acolheu os jogos do Campeonato Africano das Nações, em Andebol, nas classes seniores masculino e feminino, vai se degradando.

As autoridades locais estão em silêncio. Não dizem absolutamente nada.

"A figura homenageada com essa obra, o saudoso Osvaldo Serra Van-Dunem, que foi comissário provincial do Huambo, entre 1989 e 1991, não merece um tratamento tão desprezível da parte daqueles que têm a responsabilidade de velar pelo estado de conservação desta importante obra desportiva", desabafa o agente desportivo Eugénio Neto.

A reportagem do ***Jornal Planalto*** apurou, em visita ao emblemático pavilhão situado nas encostas da Biblioteca Constantino Camoli e da estátua de Luís Norton de Matos, que os problemas são inúmeros.

O sistema eléctrico está danificado, o gerador de 375 KVA avariado, fissuras nas paredes, infiltração no tecto, casas-de-banho em estado de insalubridade, balneários sem condições, portas sem fechaduras, vidros quebrados, vedação exterior vandalizada, entre outros danos que são difíceis de avaliar à vista desarmada.

Do "gigante desportivo da cidade", como o apelida o antigo futebolista do Petro do Huambo e Progresso do Sambizanga, José Nele, resistem à crueldade do abandono a cabine de imprensa, alguns gabinetes, bilheteiras, o piso e as bancadas, por serem espaços importantes, que ajudam a manter as instalações e possibilitam amealhar algum dinheiro com o aluguer do recinto, para realização de espectáculos e cultos religiosos.

"O que nos deixa triste é o facto de só se efectuarem limpeza quando há actividades culturais e religiosas, e, quando isso acontece até dinheiro para pagar o aluguer de gerador aparece. As pessoas esquecem-se que há um gerador de 375 KVA avariado, que pode ser reparado com os valores do aluguer do recinto. Basta, para isso, haver maior vontade das pessoas gestoras do espaço", aponta Nele.

No Huambo, os aficionados do desporto não compreendem como uma estrutura da dimensão do Serra Van-Dunem, com todas as valências para gerar receitas, apresenta um nível de degradação bastante acentuado por falta de manutenção.

"Afinal, manter as casas-de-banho limpas ou colocar vidros nas janelas e fechaduras nas portas não custam milhões. É um caso de puro desleixo de quem é de direito. Aonde vai o dinheiro dos alugueres?", questiona Américo Kapusso, antiga estrela do Mambroa do Huambo.

Se o multiuso avança para uma "decomposição estrutural", desapontadas estão as pessoas que vivem nos arredores do mesmo. Sem a utilidade para o qual foi construído, e logo numa zona nobre da "Cidade Vida", o estado do Serra Van-Dunem deixa lágrimas no canto do olho dos moradores. "À noite, o espaço é um local que acolhe gente de toda a estirpe. A sorte é que há lá uma empresa de segurança que vai evitando a usurpação de alguns meios", relata um morador.

O ***Jornal Planalto*** apurou junto da Direcção Provincial dos Desportos, que há mais de quatro anos não são alocadas verbas para a manutenção da infra-estrutura orçada em cerca de onze milhões e 800 mil dólares norte-americanos.

FALTAM VERBAS PARA MANUTENÇÃO

O director provincial da Juventude e Desportos, João Calão "Joca" Figueiredo, disse que o pavilhão encontra-se no estado em que está por falta de um orçamento para a sua manutenção.

Segundo o responsável, o Governo Provincial do Huambo, por via da instituição que dirige, elaborou um plano que visa a rentabilização do pavilhão, para daí conseguir algum montante que sirva para realizar trabalhos de manutenção nas estruturas mais afectadas do imóvel, como nos balneários, casas de banho, tecto, alguns sectores das bancadas, placares electrónicos e áreas adjacentes ao mesmo.

O pavilhão está a alguns anos sem energia eléctrica. Sobre o assunto, Joca Figueiredo fez saber que o fornecimento àquela estrutura desportiva depende da intervenção que deverá ser feita na rede pública, pelos técnicos da Empresa Nacional de Distribuição de Electricidade (ENDE).

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Degradação O edifício apresenta fissuras e infiltração

PLANALTO
JORNAL DA REGIÃO CENTRO DE ANGOLA

Quarta-feira, 2 de Maio de 2018
Número 0 • Ano 0

ÚLTIMA

EM CINCO DIAS ÚTEIS

Huambo já emite novo Alvará Comercial

FRANCISCO LOPES | EDIÇÕES NOVEMBRO

SATISFAÇÃO Comerciantes já exibem o novo documento

Fernando Cunha
planalto.huambo@gmail.com

Os empresários, comerciantes e agentes agrícolas, cujo objecto social tem como sede a Província do Huambo, vão deixar de se deslocar à Luanda ou esperar uma eternidade para obter o Alvará Comercial.

Huambo torna-se assim, desde o dia 27 de Abril, na primeira província do país a emitir localmente o documento. Em Luanda, o alvará é emitido directamente pelo Ministério do Comércio, que através do seu titular, desafiou as as direcções provinciais do Comércio a materializarem a emissão local daquele documento.

O desafio foi aceite com satisfação pelas autoridades da Província do Huambo, que rapidamente colocaram em marcha todos procedimentos administrativos para a prossecução do objectivo.

"O Ministério, dado este passo, quer somente descentralizar a emissão do Alvará Comercial, combater as burocracias registadas anteriormente. Desta forma, os comerciantes de todo o país deixam de se deslocar a Luanda para a resolução deste problema", disse o director Nacional do Comércio, Estevão Silvestre Cambidja.

O director provincial do Comércio do Huambo, Baudílio dos Santos Vaz, disse que os alvarás antigos continuam válidos e só serão trocados depois de caducados. "Não haverá troca de alvarás. A cédula é a mesma. Serão trocados somente os documentos que estejam caducados, em apenas cinco dias", garante.

Baudílio dos Santos Vaz assegurou que a emissão do alvará comercial pela na Direcção Provincial do Comércio vai acabar definitivamente com os casos de irregularidades na utilização dos documentos de legalização dos estabelecimentos comerciais na província do Huambo.

Miradouro

CAÁLA

SERVIÇOS DE NOTARIADO

Os Serviços de Notariado do Município da Caála estão a ser acusados de cobrar valores superiores aos praticados pela Secção Notarial do Município do Huambo. Para a autentificação de um documento, os caalenses pagam 4..200 Kwanzas, enquanto no Notário da Comarca do Huambo a ratificação do mesmo documento custa 1.800 Kwanzas. Apesar das reclamações dos munícipes da Caála, a Delegação da Justiça do Huambo nunca veio a público explicar as razões que justificam a disparidade na tabela de emolumentos entre os dois municípios. O silêncio é total.

IRRACIONALIDADE

LAIVOS DE MALDADE

A racionalidade do homem, no que tange à comportamentos sociais aceitáveis, ainda estão longe de fazer morada na nossa sociedade. Há dez meses, a cidadã Mariana Chimbali, paraplégica dos membros superiores e inferiores, foi violada por meliantes, resultando da acção uma gravidez indesejada. O quadro da cidadã, moradora nos arredores da cidade do Huambo, é dramático. Não consegue, em função da sua condição física e social, prestar assistência devida ao bebé.. Resta, somente, apelar ao apoio da sociedade a esta mulher do Planalto Central.

Click do Planalto

BAILUNDO

JOÃO LOURENÇO PISOU LUGAR SAGRADO

Hoje Presidente da República, João Lourenço, ainda nas vestes de cabeça de lista do MPLA às Eleições Gerais de 23 de Agosto de 2017, esteve na Ombala Mbalundu para pedir a bênção do Rei Ekuikui V. Os resultados nas urnas não defraudaram e João Lourenço foi investido a 26 de Setembro passado, como terceiro Presidente da República de Angola. Por este facto, o Rei do Ndongo classifica Ombala Mbalundu como um "lugar sagrado" na preservação da História de Angola. "O Presidente tem de conhecer a tradição, para não encontrar dificuldades na condução dos destinos da Nação", afirmou o Rei Buba Nvula N'Dala..

MAYOMONA GARCIA | EDIÇÕES NOVEMBRO

OKWOYAKO...

FERNANDO CUNHA

DO SONHO À REALIDADE

Quando em Janeiro último me propus "desafiar" o PCA Victor Silva (para mim o Celito) e o nobre administrador Caetano Júnior (o Caejur), para a criação de um Jornal Regional, que passava claramente por abordar as vivências da Província do Huambo, qualquer deles olhou para mim. Perguntaram: "Cunha, aguentas a pedalada? Eu disse-lhes claro que sim", porque a experiência (minha e do Caetano) já vem de longe, se calhar dos tempos em que éramos "fechadores de páginas" do nosso Policarpo da Rosa (o Man Poly), que, na sua passagem pela Editoria Desportiva, nas vestes de editor, de 1994 até pelo menos 1997 – se a memória não me atraiçoa -, não tinha quem o substituisse no fecho e, assim sendo, não gozava muitas vezes a merecida folga semanal. O primeiro "round" - com o Celito e o Caejur - estava ganho. Daí seguiu-se a "venda do projecto" ao senhor ministro João Melo, que rapidamente anuiu à ideia. Durante a visita às velhas instalações, que ainda nos acolhe como sede, aqui, na Rua Imaculada da Conceição, na parte alta da Cidade do Huambo, o professor João Melo foi claro comigo: "Cunha, não me deixes ficar mal, porque o poder instituído já sabe que vais avançar". Sem muito exigir e com as dificuldades que vivemos no dia-a-dia da nossa labuta, eu e a minha equipa de repórteres colocamo-nos na estrada, palmilhando cada pedaço de terra desta província do Huambo, de 34 mil e 275 quilómetros quadrados de superfície, subdivididos por 11 Municípios, 39 Comunas e 234 Aldeias, em busca de informação para noticiar com verdade, pluralismo e isenção. O Planalto, felizmente para nós, passou de um sonho muito antigo à realidade. Um sonho que começou a vislumbrar-se em 2012, quando visitei, a convite de um grande amigo, as instalações do Diário de Coimbra, um jornal regional daquela circunscrição administrativa portuguesa. Diz e bem o Caejur, na sua nota de abertura, "Angola de Lés a Lés", nesta edição número zero: "damos início a uma nova era". Uma era que eu, particularmente, e toda equipa que está de corpo e alma na materialização do projecto do Jornal Planalto cremos que seja para ficar. Independentemente das dificuldades vigentes no momento. O Planalto veio seguramente para ficar e marcar a sua posição no contexto da imprensa nacional. Chega às bancas com o propósito de diversificar a informação, numa nova maneira de fazer o jornalismo de imprensa. Por ora, e porque o trabalho que ai vem é duro, difícil e de constante crescimento, resta-me agradecer na língua materna dos Ovimbundu: Twapandula! Que Deus abençoe o nascimento deste mais novo projecto jornalístico da Edições Novembro.